

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA: REVISÃO DE LITERATURA

Caroline Marcitelli GONÇALVES

Discente Fac. Méd. Veterinária e Zootecnia - Garça

Rodrigo Martins Giansante RIBEIRO

Discente Fac. Méd. Veterinária e Zootecnia - Garça

RESUMO

Os eqüídeos são ferramentas de trabalho essenciais à pecuária de corte, a qual é desenvolvida extensivamente no Brasil. A Anemia Infecciosa Eqüina (AIE), conhecida mundialmente como febre-do-pântano é considerada uma das principais doenças que acometem eqüídeos. Estudos epizootiológicos permitiam a obtenção de um perfil de prevalência da AIE em eqüídeos, em relação ao sexo, idade e manejo. Também estudos sobre vetores (mutucas) incluíram o levantamento e sazonalidade de espécies, definição das épocas de maior risco de transmissão e aspectos da interação vetor-hospedeiro. O estudo também tem como intuito mostrar o quanto é importante controlar esta doença, quais os sinais clínicos dos animais infectados e como fazer o teste de Coggins.

PALAVRAS CHAVE: AIE, Brasil, Coggins, eqüinos

ABSTRACT

Horses are essential tools for the extensive beef cattle raising. The Equine Infectious Anemia (EIA), know worldwide as Swamp Fever, has been considered one of the most important diseases of equines. Epizootiological studies allowed to know the distribution of EIA prevalence among equines regarding their sex, age, and management. Also, vector (tabanids) studies conducted included species surveys and seasonality, definition of periods of higher transmission risk, and studies on vector-host interaction. The studies has the intuit to show how much is important control this disease, the clinic signs of the infected animals and how do the Coggins test.

KEY WORDS: Brazil, Coggins, EIA, equidae

1 INTRODUÇÃO

A AIE pode comprometer irreversivelmente o desempenho dos eqüídeos, e é conhecida mundialmente como febre-do-pântano.

A doença foi inicialmente diagnosticada na França, no final do século passado, e atualmente apresenta distribuição mundial.

No Brasil, a AIE foi constatada pela primeira vez em 1968 no estados do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro (Guerreiro et. Al., 1968). A prevalência da doença está acima de 50 % no Brasil Central, Roraima e Minas Gerais (Reis et al, 1994). Dados não oficiais têm mostrado maior prevalência da doença em outras regiões, indicando sua ampla distribuição no território brasileiro.

2 CONTEÚDO

A AIE é, até o momento, uma doença incurável e a legislação pertinente preconiza o sacrifício dos animais soropositivos.

O agente etiológico é um vírus retroviridae de alto peso molecular que causa anemia hemolítica do tipo imune. Os susceptíveis são eqüinos, mulas e asnos de qualquer raça, idade e sexo. Três são as formas de apresentação da doença: agudo, subagudo e crônica.

A transmissão pode ser vertical (intra-uterina) ou horizontal, por meio de utensílios contaminados (agulhas, freios, esporas e outros), leite materno, sêmen ou insetos hematófagos. Entretanto a transmissão do vírus é geralmente, relacionada com a transferência de sangue de um cavalo infectado a um receptor sadio.

Por desinformação, em muitas ocasiões, o homem torna-se o principal componente na cadeia de transmissão do vírus, em função do manejo inadequado dos animais.

Os animais hematófagos desempenham o papel mais importante na cadeia natural da doença, atuando como vetores. De modo geral, várias espécies de dípteros hematófagos (moscas, mutucas, mosquitos) estão implicados na transmissão mecânica (sem multiplicação do agente vetor) de agentes patogênicos.

Os insetos hematófagos de maior tamanho, particularmente os tabanídeos (mutucas), são considerados os vetores de maior importância.

O risco de transmissão entre animais positivos para AIE e animais sadios aumenta com a prevalência da doença na propriedade, a diversidade e abundância dos vetores e a proximidade entre animais.

Não existem métodos práticos e eficazes de controle dos tabanídeos, assim, o risco de transmissão mecânica por insetos vetores pode apenas ser minimizada separando-se os animais positivos de negativos.

A AIE é uma infecção persistente, resultando em episódios periódicos de anemia, hemorragias, trombocitopenia, leucopenia, supressão transitória da resposta imunológica e aumento significativo nos níveis de cobre e enzimas hepáticas. Sinais neurológicos e lesões no Sistema Nervoso Central tem sido associadas à doença. Sinais clínicos como perda de peso, depressão, desorientação, andar em círculos e hipertermia.

Os animais infectados podem experimentar uma alta repentina de temperatura e os ataques de febre podem ser esporádicos e contínuos. Os animais também podem suar profundamente e com pulso baixo e batimentos cardíacos irregulares.

Nem todos os animais infectados mostram sinais clínicos. As vezes os animais visivelmente afetados mostram somente alguns sintomas. Alguns animais com o vírus no sangue nunca mostram sintomas. A evolução crônica, na maioria dos casos, se dá com as cenas agudas de febre e abatimento, anemia, edemas, enfraquecimento, debilidade, inapetência, respiração acelerada e conjuntivite.

Um estudo realizado pela Embrapa Pantanal, de 1990 a 1995 envolveu 3.285 cavalos pertencentes a 28 fazendas (Silva, et. Al., 1999). Os animais foram divididos em quatro classes: 1 – animais de serviço, 2 – animais chucros (não domados), 3 – reprodutores (machos e fêmeas) 4 – redomões (animais em doma). As amostras de sangue para o diagnóstico de AIE foram coletadas da veia jugular dos cavalos usando um sistema de coleta a vácuo. O diagnóstico foi feito por meio do teste de imunodifusão em gel de ágar (IFGA), amplamente utilizado e aceito pelo Ministério da Agricultura. Observou-se uma prevalência média de 24,8% da AIE nos eqüídeos estudados. A prevalência observada em cada classe foi de 18,2% (classe 1), 1,0% (classe 2), 4% (classe 3) e 0,2% (classe 4). Observa-se que uma prevalência significativamente maior foi encontrada nos animais que possuíam maior contato com o homem, isto é, mais manejados. A soropositividade entre machos e fêmeas foi de 14,3% e 10,6% respectivamente.

No Pantanal, foram encontradas 23 espécies de tabanídeos. A grande maioria dessas espécies ataca eqüídeos. Variações estacionais na umidade, pluviosidade e temperatura influenciam não apenas a fauna silvestre e a flora, mas também as populações de vetores e o surgimento de doenças nos animais. Em geral picos populacionais foram observados próximos ao início do período chuvoso (setembro-outubro), sendo o período até janeiro o de maior abundância de tabanídeos na região (Barros & Foil, 1999). Embora a maioria das espécies de mutucas ocorra durante todo o ano, sua maior abundância na primeira metade da época chuvosa sugere que este período seja o de maior risco de transmissão de agentes patogênicos (incluindo o VAIE) aos eqüídeos. Os riscos de transmissão nesse período também aumentam por causa do pico populacional de espécies de elevado potencial como vetor, tais como o *Tabanus importunus* (Barros & Foil, 2000).

O teste de Coggins é um método de eleição para o diagnóstico da AIE. Consiste na imunodifusão em Agar gel, onde o antígeno entra em contato com o anticorpo proveniente do soro dos animais que se deseja testar.

O teste busca anticorpo neutralizante que aparece no soro dos animais infectados 15 a 30 dias posteriores a infecção.

A prova se realiza em placas de Petri onde se põe Agar bufferado 2% junto com os soros.

O controle AIE em áreas endêmicas tem sido proposto por vários pesquisadores. Scott (1919), sugeriu que todos os animais infectados deveriam ser mortos, porém propôs a segregação entre animais doentes e sadios, pela remoção dos últimos a um posto com uma distância suficiente para prevenir a transmissão por insetos hematófagos.

Após a separação dos animais, apenas o grupo negativo precisa ser testado periodicamente. Inicialmente devem ser testados a cada 3 a 4 meses e os animais que se apresentarem positivos devem ser transferidos para o outro grupo. Quando todos os animais do grupo negativo apresentarem-se negativos por 2 testes consecutivos, a periodicidade do teste será a cada 6 meses e após mais 2 testes consecutivos, sem que se ache um positivo, o teste pode passar a ser realizado anualmente e depois a cada 2 anos.

CONCLUSÃO

A AIE é uma das enfermidades mais importantes entre as que afetam os membros da família Equidae. Sua característica principal é a ocorrência de acessos febris, que ocorrem a intervalos de tempo não definidos, depois da infecção.

A forma mais comum dessa enfermidade é a crônica, a qual o aspecto do animal é normal, e pode ser diagnosticado negativo na prova rotineira e diagnóstico, que atualmente é o teste de Coggins. A prova de Coggins é muito específica, mas pouco sensível.

A enfermidade é muito fácil de controlar com medidas sanitárias, controle semestral e uma atenção aos animais que apresentam sintomas que possam indicar que os mesmos estejam infectados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA. São Paulo: A hora veterinária: revista de ensino pós-universitário e formação permanente. Ano 20 nº 118, Nov./Dez., 2000.

ETTINGER, S. J; FELDMAN, E. C. Tratado de Medicina Veterinária. 4ª ed. Vol 1 e 2, São Paulo: 1997.

KNOTTENBELT, D.C.; PASCOE, R. REG. Afecções e Distúrbios do Cavallo. São Paulo: Manole, 1998, p. 180.

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA. Disponível em <www.viarural.com.ar/viarural.com.ar/biomarktpincipal/calendariossanitarios/equinos/infecciosas/anemia/test%20de%20coggins.htm> Acesso em 10 mar 2004.

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA. Disponível em <www.cda.sp.gov.br/DocEst/Docs/EstAIE/info2.htm> Acesso em 11 mar 2004.

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA. Disponível em <www.aphis.usda.gov/ipa/pubs/fshit_faq_notice/fs_aheia_sp.html> Acesso em 11 mar 2004.

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA. Disponível em <www.cpap.embrapa.br/publicacoes/download.php?arq_pdf=CT29>. Acesso em 12 mar 2004.